



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

### **A CRUCIFICAÇÃO DO CORPO TRAVESTI: A IMAGEM PROFANA NA CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA**

### **CRUCIFIXION OF THE TRANSVESTITE BODY: PROFANE IMAGE IN MEDIATIC CIRCULATION**

Marlon Santa Maria Dias<sup>1</sup>  
Alisson Machado<sup>2</sup>

**Resumo:** Em junho de 2015, a atriz e modelo Viviany Belebony realizou uma encenação da crucificação durante a 19ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Partindo desse caso, o artigo tem como objetivo refletir sobre a circulação midiática do corpo travesti. Para tanto, as questões que mobilizam este trabalho são: quais sentidos são acionados quando as imagens da “travesti crucificada” são inscritas nos processos de circulação? O que essas imagens dizem sobre aquilo que se considera profano e sagrado em nossa sociedade? Nas disputas de sentido entre o sagrado e o profano, há uma constante remissão à iconografia tradicional cristã, que passa por processos de transformação, tensionamento e negociação conforme as reapropriações dos atores sociais.

**Palavras-chave:** Mediatização. Circulação. Imagem. Travesti.

**Abstract:** In June 2015, actress and model Viviany Belebony staged a crucifixion during the 19<sup>th</sup> LGBT Pride Parade in São Paulo, Brazil. From this case, the article aims to reflect on the media circulation of the transvestite body. The questions that mobilize this paper are: what senses are triggered when the images of the "crucified transvestite" are inscribed in the processes of circulation? What do these pictures say about what is considered profane and sacred in our society? In the disputes of meaning between the

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista da Capes. Mestre em Comunicação e Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: marlon.smdias@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação na UFSM. Bolsista da Capes. Mestre em Comunicação e Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela mesma instituição. Membro do Núcleo Aquenda – Núcleo de Estudos em Comunicação, Gêneros e Sexualidades. E-mail: machado.alim@gmail.com



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

sacred and the profane, there is a constant remission of the traditional Christian iconography, which undergoes processes of transformation, tension and negotiation according to the reappropriations of the social actors.

**Keywords:** Mediatization. Circulation. Image. Transvestite.

### **Introdução**

O ponto de partida deste trabalho é a performance realizada pela atriz e modelo transexual Viviany Beleboni durante a 19ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, em 7 de junho de 2015. A atriz, que desfilou no trio elétrico da organização não governamental Ação Brotar pela Cidadania e Diversidade Sexual (ABCDS), prendeu-se a uma cruz, onde se lia no topo “BASTA HOMOFOBIA GLBT”, encenando o sofrimento de Jesus Cristo (Figura 1). Segundo Viviany, sua intenção não era atacar a Igreja, mas “representar a agressão e a dor que a comunidade LGBT tem passado”<sup>3</sup>. Logo, fotos de sua performance começaram a se espalhar nas redes digitais, tanto em matérias jornalísticas quanto em páginas ligadas a grupos religiosos e grupos LGBT.



Figura 1: Viviany durante performance na 19ª Parada do Orgulho LGBT, junho de 2015. Fonte: Reuters/João Castellano.

<sup>3</sup> Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/transexual-crucificada-na-parada-gay-diz-em-video-ter-sido-agredida.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Figure 1: Viviany during the performance at the 19th LGBT Pride Parade, June 2015. Source: Reuters /João Castellano.

A encenação de Viviany tornou-a centro de uma polêmica referente ao que os críticos à sua performance chamaram de “profanação de símbolos cristãos” e “cristofobia”. Uma das manifestações com maior reverberação nas redes digitais foi a do pastor e deputado federal Marco Feliciano, que publicou em sua página no Facebook algumas fotos de protestos da comunidade LGBT que remetem à iconografia cristã, dentre elas a de Viviany, nomeando-as como “imagens que chocam, agridem e machucam”<sup>4</sup>. O caso tornou-se pauta midiática e a atriz passou a ser designada nas matérias jornalísticas como a “travesti crucificada”.

Nos dias seguintes à Parada, Viviany denunciava em suas entrevistas e postagens em redes sociais as ameaças que vinha recebendo em decorrência da performance. A informação que ela teria sido assassinada espalhou-se nas redes e ela manifestou-se, três dias depois, negando o boato da morte e dizendo ironicamente que havia “ressuscitado no terceiro dia”<sup>5</sup>. Em agosto daquele ano, Viviany, visivelmente machucada, publicou um vídeo no qual relata que havia sido agredida na rua, com tentativa de esfaqueamento. Um ano depois, na Parada do Orgulho LGBT de 2016, Viviany fez uma nova performance, dessa vez representando a Justiça e segurando nas mãos uma Bíblia cuja capa trazia a imagem de uma cruz sangrando e a frase “Bancada evangélica: retrocesso”<sup>6</sup>.

O caso sintetizado acima nos instiga uma postura reflexiva. Primeiro, pela potência incendiária, nos termos de Butler (2015), dessas imagens. Nas disputas de sentido entre o sagrado e o profano, há uma constante remissão à iconografia tradicional cristã. O caso, portanto, não está circunscrito à performance em si, mas a uma reverberação que aciona múltiplos sentidos e se estabelece numa zona de embates discursivos. Segundo, justamente por não estar circunscrito ao fato em si, mas sim às

<sup>4</sup> Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/transexual-crucificada-na-parada-gay-diz-em-video-ter-sido-agredida.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>5</sup> Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/viral/eboato-que-transexual-que-saiu-crucificada-na-parada-lgbt-foi-morta-16421365.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>6</sup> Fonte: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,crucificada-em-2015--modelo-leva-biblia-para-parada-gay-em-sp,10000054035>. Acesso em: 10 jan. 2018.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

reverberações que o constituem, o caso nos instiga a pensá-lo enquanto acontecimento (Queré, 2005; França, 2012). Sua constituição narrativa se inscreve num complexo ambiente de circulação midiática e se dá, por conta disso, em texturas narrativas próprias das redes digitais (Henn, 2013).

A partir de tais premissas, o artigo busca refletir acerca da circulação midiática do corpo travesti a partir da investigação sobre os movimentos de circulação das imagens da “travesti crucificada”. Para tanto, as questões que mobilizam este artigo são: quais sentidos são acionados quando as imagens da “travesti crucificada” são inscritas nos processos de circulação? O que essas imagens dizem sobre aquilo que se considera profano e sagrado em nossa sociedade?

Partimos de uma metodologia que conjuga a análise da construção de casos midiáticos com a semiologia proposta por Verón (2005). Ford (1999) entende caso midiático como uma instância que sucede em nível individual/microsocial, que é exposta mediante uma estrutura discursiva e se constitui enquanto modelo narrativo. Para a apreensão do caso, Ford detalha alguns procedimentos de categorização, num movimento com foco nas tematizações e na circulação de sentidos.

O artigo investe em refletir a partir de Butler (2015) o modo com que os enquadramentos interpretativos incidem sobre as imagens nos regimes midiáticos e como, através deles, se articulam biopolíticas de manutenção da precarização da vida e de redes de apoio deficitárias a certas populações, bem como formas diferenciadas da produção social/simbólica da precariedade. O potencial incendiário da circulação dessas imagens é alimentado pelas lógicas midiáticas que tanto definem quanto interditam as formas de reconhecimento dos sujeitos e de produção da alteridade.

### **O acontecimento midiático**

O caso em análise se desenvolve num ambiente marcado pelas injunções da midiática da sociedade. Partindo da perspectiva da midiática como orientação teórico-epistêmica, consideramos a imbricada relação entre os processos comunicacionais, as práticas e os contextos sociais. Nesse sentido, entendemos a midiática como um processo de progressivas afetações de lógicas de uma cultura midiática no ordenamento discursivo dos campos sociais (Mata, 1999; Fausto Neto,



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

2008). Para Verón (1997), esses processos de afetação, ou seja, os vínculos estabelecidos entre mídias, instituições e atores, inserem-se em lógicas nas quais os campos não apenas instituem relações, mas também são influenciados pela natureza processual com que as interações são geridas.

Uma possível caracterização da sociedade midiaticizada é o funcionamento de “um novo tipo de real, cuja base das interações sociais não mais se tecem e se estabelecem através de laços sociais, mas de ligações sociotécnicas” (Fausto Neto, 2006, p. 3). Para Fausto Neto (2006, 2008), a midiaticização aponta para um caminho de descontinuidades e segmentação, uma outra forma de sociedade fragmentada e heterogênea. Por essa perspectiva, as lógicas midiáticas não estão mais restritas ao campo das mídias, mas se transformam em práticas e usos dos atores sociais midiaticizados (Rosa, 2017).

A orientação epistêmica da midiaticização nos permite formular questões sobre as disjunções entre produção e reconhecimento, clássicas instâncias dos modelos funcionalistas de comunicação. Essa orientação afasta a noção de circulação como uma “zona de passagem”, marcando uma nova arquitetura comunicacional na qual a circulação é entendida pelas descontinuidades entre as lógicas de produção e de reconhecimento que, longe de apontar para uma convergência de sentidos, se realiza “segundo postulados de divergência” (Fausto Neto, 2015, p. 21).

Alinhamo-nos a essa perspectiva latino-americana da midiaticização, que tem como um dos seus eixos centrais de investigação a circulação como objeto de pesquisa (Ferreira, 2016). Como aponta Fausto Neto (2015), a produção de mensagens segue processos discursivos singulares, que tomam novas formas quando se embatem e são afetados pela complexidade do trabalho de circulação, processo contínuo, em fluxos incessantes, especialmente nos ambientes digitais.

Ao refletir sobre a circulação das imagens nos cenários de interação midiaticizados, Rosa (2017, p. 7) sinaliza que as instituições midiáticas, não midiáticas e os atores sociais “encontram condições de produzir circuitos nos dispositivos que usam e partilham, construindo novas camadas de sentido sobre aquilo que já foi inicialmente inserido na circulação”. Os acontecimentos midiáticos também se reconfiguram na



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

sociedade midiaticizada, ao passo que sua construção está relacionada à produção discursiva em circulação.

Nesse cenário, uma mesma imagem é disputada e acaba por produzir diferentes sentidos em função dos múltiplos referenciais pelos quais ela pode ser compreendida. Esse processo se relaciona ao poder hermenêutico do acontecimento (Queré, 2005), inscrevendo-o numa dialética do agir-sofrer: o acontecimento não apenas provoca deslocamentos na vida das pessoas que são afetadas por ele, como também pode ter seu curso alterado, inclusive por essas mesmas pessoas (Carvalho, 2015).

Para Queré (2005), só há acontecimento porque ele acontece a alguém, “ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade” (França, 2012, p. 13). É nesse sentido que compreendemos o caso em análise: um acontecimento que eclode a partir da imagem da “travesti crucificada”, posta em circulação em diferentes circuitos.

Para a análise do caso, fazemos primeiro um movimento descritivo que tem por objetivo a compreensão dos deslocamentos narrativos. Narrar um caso, como nos lembra Ford (1999), é sempre colocar em cena algo sobre um fundo contínuo a partir de hierarquizações. Num nível interpretativo, buscamos perceber os códigos que compõem a narrativa imagética. E, portanto, identificar alguns dos sentidos acionados pelas imagens.

### **A imagem profana em circulação**

No dia 7 de junho de 2015, quando Viviany Belebony realizou sua performance na 19ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, fotos suas no trio elétrico passaram a ser compartilhadas nas redes digitais. Além das fotos da performance, identificamos um vídeo gravado naquele dia, pelo repórter Nélio Júnior, e publicado em seu perfil no Facebook<sup>7</sup>. Interpelada pelo repórter e questionada sobre o porquê da caracterização, Viviany responde: “Para mim representa a história de todas as travestis. Então eu vim flagelada. Que nem Jesus Cristo foi crucificado, todos os gays são crucificados o ano

---

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/NelioDuca/videos/818608694913162/>. Acesso em: 11 maio 2018.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

todo”<sup>8</sup>. Essa entrevista é importante, pois é a primeira fala explicativa da modelo sobre a performance.

Ainda naquele dia, o deputado federal e pastor da igreja neopentecostal Catedral do Avivamento, Marco Feliciano, publica em sua página no Facebook um texto criticando a performance e anexa à publicação imagens que, segundo Feliciano, remetiam à profanação. É interessante perceber que as imagens publicadas pelo deputado não se referiam exclusivamente à Parada ou à performance de Viviany. Eram imagens de documentários e mobilizações sociais que brincam<sup>9</sup> com os sentidos de sacralidade de determinados símbolos cristãos. A postagem, no entanto, não deixa isso claro, o que leva à percepção de que todas foram imagens feitas durante a Parada em São Paulo, resultando em um agregado de imagens profanas inscritas em um mesmo lugar de produção a ser combatido.

Nos dias que se seguiram à Parada, passa a circular nas redes digitais a informação de que Viviany teria sido assassinada. Algumas das publicações compartilhadas referem-se à morte como um castigo divino, por exemplo: “A justiça de Deus não falha, travesti que desfilou na parada gay como Jesus, é encontrado morto! Os outros se preparem, a mão de Deus está pesando. Compartilhe!!”. As postagens são acompanhadas por uma montagem de duas fotos, uma ao lado da outra: no lado esquerdo, o corpo seminu de uma travesti assassinada (que seria Viviany, segundo a postagem); no lado direito, uma foto da performance de Viviany. Alguns sites que se ocupam da tarefa de desmentir boatos que circulam na internet noticiam que a informação é falsa<sup>10</sup>.

Logo descobriu-se que Viviany não havia morrido e que a foto compartilhada era, na verdade, a imagem do corpo de Makelly Castro, travesti brutalmente assassinada no Piauí. As duas imagens postas uma ao lado da outra estabelecem um paralelo,

<sup>8</sup> Aqui, vale notar que Viviany utiliza o termo 'gay' para se referir à comunidade LGBT de modo geral. O uso desse termo como sinônimo para as demais designações (lésbicas, bissexuais, transexuais etc.) é recorrente no senso comum e parece estar relacionado a uma maior visibilidade que o termo alcança em relação às outras designações.

<sup>9</sup> Utilizamos o verbo brincar com o sentido de 'jogo' utilizado por Agamben (2007), que aponta a ludicidade do uso de um signo primordial.

<sup>10</sup> Fontes: <http://www.boatos.org/brasil/travesti-que-desfilou-na-parada-gay-como-jesus-e-morta-diz-hoax.html>; <http://www.e-farsas.com/travesti-que-desfilou-na-cruz-na-parada-gay-morreu-de-bracos-abertos.html>. Acesso em: 11 maio 2018.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

corroborado pelos textos que classificavam a performance como profana, que busca dar o efeito de causa-consequência, pecado-punição: Viviany teria profanado o símbolo cristão ao representar a crucificação e tal heresia teria como resultado esperado a sua morte.

Na quarta-feira, 10 de junho, Viviany publica um vídeo em seus perfis nas redes digitais, desmentindo o boato de sua morte. Na gravação, ela diz: “Olá, pessoal. Tudo bem? Só para falar sobre essas fotos que estão dizendo [circulando] aí, eu não estou morta, estou bem viva. E agora ressuscitei mesmo no terceiro dia. Muita paz para vocês”. O vídeo novamente brinca com os sentidos sagrados da narrativa mítica. Em tom jocoso, Viviany brinca com o boato de sua morte e estabelece a comparação. A narrativa da crucificação da travesti, mais uma vez, convoca sentidos que remetem à constituição narrativa bíblica cristã.

Em 26 de junho de 2015, após a realização da ‘Caminhada em Memória a Laura Vermont’, travesti de 18 anos que foi espancada e assassinada em São Paulo, o padre católico Júlio Lancelotti e o pastor evangélico da Igreja Batista, José Barbosa Junior, lavaram os pés de Viviany Beleboni e pediram “perdão pelo fundamentalismo religioso que gera o preconceito e a transfobia<sup>11</sup>. Tal discussão elucida que é na arena midiática que o conflito é tramado e é nessa ambiência midiaticizada que os atores encontram condições para produção de discursos que tensionam às regulações da mídia tradicional. O embate não se estabelece de modo simplório em polos coesos de defesa e ataque à encenação da crucificação. O acontecimento vai sendo construído justamente por todos aqueles que, de algum modo, se sentem incitados a falar sobre, porque são afetados pelo acontecimento, como nos lembra Queré (2005).

Nessas disputas discursivas, algumas produções são inseridas nesses circuitos e dão conta de complexificar a narrativa. É o que percebemos na Figura 2, exemplo das possibilidades de reapropriação que ocorre na circulação. A imagem reúne os dois personagens centrais da narrativa construída pelo acontecimento: Cristo e Viviany. No diálogo entre as personagens, ela diz ter falhado e, em resposta, ele se refere à repetição da mesma história, inclusive comparando os algozes. Nessa imagem, vemos o modo

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.sinaldafenix.com.br/site/padre-catolico-e-pastor-pedem-perdao-e-lavam-os-pes-da-travesti-crucificada-da-parada/>. Acesso em: 11 maio 2018.





## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

como os atores sociais negociam a narrativa da crucificação e tensionam a dicotomia sagrado/profano.



Figura 2: Ilustração compartilhada pelos atores sociais. Fonte: Instagram  
Figure 2: Illustration shared by social actors. Source: Instagram

A reconstrução de alguns dos processos que constituem o acontecimento nos permitem notar as tensões que se estabelecem entre os atores sociais mediatizados e as instituições. Essas tensões são percebidas a partir do mapeamento dos rastros deixados nas materialidades discursivas das imagens. O caso, em si, teve outros tantos desdobramentos, por exemplo, a agressão sofrida por Viviany, dois meses depois da Parada e sua nova performance, na Parada de 2016, em que representou a Justiça. Focamos, neste artigo, em alguns dos movimentos iniciais pela limitação do espaço e também pelo recorte interpretativo baseado na díade sagrado e profano.

A modelo, ao optar pela iconografia cristã para a mobilização por visibilidade midiática e reconhecimento público, instaura uma disputa levada adiante pela produção dos atores sociais, especialmente aqueles engajados de forma preferencial por sua mensagem. No entanto, como afirma Bourdieu (2011a), ainda que este ato primordial se



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

estabeleça por um caráter disruptivo e manifesto, toda prática dominada, ou seja, toda enunciação fora do sistema de regras estabelecido está fadada a aparecer como profanadora.

A própria existência de um corpo estranho dentro do sistema da linguagem religiosa já constitui algum tipo de contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado e da legitimidade dos detentores desse monopólio. No interior desse sistema, toda a linguagem que não a autorizada não pode funcionar senão pela profanação.

Para Agamben (2007, p. 75), “profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações [entre o sagrado e o profano], mas fazer delas um uso novo, a brincar com elas”. A profanação pode ser entendida como um ato que restitui ao uso livre (uso lúdico ou uso não instrumental) às coisas (imagens) que foram tornadas sagradas pela consagração. A profanação, assim, não faz com que o mito desapareça, mas *brinca* com o mito através de jogos lúdicos aplicados sobre o rito.

Uma vez admitida que a inscrição dessa manifestação só funciona por profanação, é possível refletir as maneiras pelas quais a dor representada por Viviany articula diferentes formas de respostas levantadas pela circulação do acontecimento. Conforme Butler (2015), os distintos enquadramentos pelos quais uma imagem é recebida alocam as condições diferenciadas de reconhecimento de certas representações como possuidoras de um estatuto de humanidade possível e remetem, eles mesmos, às normas sociais mais amplas que determinam o que será ou não uma vida equacionável como passível de luto<sup>12</sup>. Dessa forma, a manipulação da imagem do sagrado a fim de gerar o sentimento de reconhecimento pelo luto e pelo sofrimento, podem ser refletidos por duas dinâmicas de interpretação que instauram um campo de disputas divididos entre a “luta para fazer existir” e por fazer “inexistir o que existe” (Bourdieu, 2011a, p. 118).

A imagem destacada abaixo (Figura 3) funciona através da dinâmica de fazer inexistir uma realidade - a do sofrimento das populações trans e travestis - negando-lhes o direito à existência pelo reconhecimento de seu luto (reconhecimento de sua condição

---

<sup>12</sup> Conforme a autora, ser passível de luto é a condição primordial de reconhecimento dos sujeitos. A imagem de Viviany crucificada estende a possibilidade de luto às vidas travestis e LGBTQs, declarando o reconhecimento de seu sofrimento como o do próprio Cristo crucificado.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

precarizada e de seu sofrimento generalizado). Nela se fundem formas de respostas específicas de grupos religiosos e políticos conservadores aglutinados contrários à manifestação.



Figura 3: Página do jornal Diário de Pernambuco destaca reação de deputado às imagens da travesti crucificada. Fonte: Blog Sognare Lucido

Figure 3: Diário de Pernambuco newspaper page highlights congressman reaction to images of the crucified transvestite. Source: Blog Sognare Lucido

Nesse caso, a rejeição do reconhecimento não é tomada apenas pela representação em si, mas pela identificação da representante com o que não pode por ela ser representado. Aqui, a imagem é tomada como autorreferência de blasfêmia, ao isolar a profanação da crucificação por ela mesma. A imagem originária acaba sendo identificada como correspondente a algo corrupto e maligno.

Não se apaga com isso a possibilidade de Cristo ter um novo rosto, mas sim o fato desse rosto ser identificado como algo maligno “e o mal que o rosto é se estende ao mal que pertence aos humanos em geral, [um] mal generalizado” (Butler, 2011, p. 27). A representação do mal se estende, assim, aos profanadores, com os quais “o “eu” que vê o rosto não se identifica”, pois este rosto passa a representar “algo com o que nenhuma identificação é possível, uma realização da desumanização e uma condição para a violência” (Butler, 2011, p. 27).



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

As imagens das Figuras 4 e 5 sinalizam a produção dos atores sociais preocupados em fazer “existir o que existe”, imagens colocadas em circulação que atualizam o caso midiático e que criticam os enquadramentos interpretativos pautados pelo não reconhecimento do sofrimento e precariedade das vidas trans e travestis.



Figure 4: Contraste entre realidades sociais e a performance. Disputa de sentidos preferenciais da leitura bíblica. Fonte: Facebook.

Figure 4: Contrast between social realities and performance. Dispute of preferred meanings of the biblical reading. Source: Facebook



Figura 5: Ilustração compartilhada pelos atores sociais. Fonte: Wonderful World of Alpaca/Facebook

Figure 5: Illustration shared by social actors. Source: Wonderful World of Alpaca/Facebook



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

As imagens destacadas funcionam nessa perspectiva, reintroduzindo uma nova interpretação da imagem originária. Na Figura 4, o questionamento refere-se ao entendimento bíblico como uma mensagem de fé e compaixão quando comparadas a imagem da performance com as imagens de corpos de travestis assassinadas.

A Figura 5 aciona o resultado de pesquisas na internet sobre violência, assassinatos e homotransfobias com a mensagem de Viviany. Nela se estabelece novamente um vínculo de reconhecimento entre a imagem da performance e a realidade precarizada das populações LGBTs brasileiras. Através da linguagem visual da linkagem, a figura expande o sofrimento representado por ela a outras histórias e narrativas de vidas precarizadas ou interrompidas pela violência.

### **Considerações finais**

No caso analisado, o processo de circulação das imagens é constituído pelas diferentes possibilidades de reapropriação da imagem originária. A partir disso, percebemos que a imagem de Viviany crucificada, quando inscrita nos circuitos midiáticos, passa por transformações e adquire outros sentidos nas disputas discursivas dos múltiplos enunciadoreis.

O caso midiático se desenvolve através de conflitos, ressignificações e negociações que organizam as interpretações da imagem. A tensão em jogo é se houve ou não profanação. A representação de Jesus Cristo por uma travesti indicaria, em um primeiro momento, uma imagem profanada. No entanto, muitas das produções discursivas dos atores sociais midiaticizados insistem que profanadas são as vidas dessas populações atravessadas pela violência e pela precarização. Dessa forma, a imagem abandona uma esfera de sacralização para representar um sofrimento generalizado.

As reinterpretções engajadas com a mensagem da modelo podem ser percebidas principalmente nas instâncias de atuação dos atores sociais que questionam quem pode ou não representar o sagrado e as formas como a sacralidade opera por seletividade. Em grande medida elas são organizadas por uma dinâmica preocupada em fazer existir o que existe - criar formas de dar a conhecer e reconhecer a precariedade das vidas travesti e das populações LGBTs. Essas produções combatem as interpretações que



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

visam fazer inexistir essas realidades, que buscam interditar o corpo travesti como um corpo sagrado e com direito à vida e que, ao insistirem no ato profanatório por ele mesmo, insistem no apagamento dos contextos de violência das realidades sociocorporificadas das travestis.

O processo de circulação do caso apresentado aponta para disputas nos termos dados por Agamben à profanação. Da travesti que se dá a morrer, mais pelo apelo ao reconhecimento dos sofrimentos das populações LGBT do que pela redenção de seus não-pecados, e que pela narrativa midiática ressuscita também no terceiro dia, “o essencial é o corte que atravessa as duas esferas [profano e sagrado], o limiar que a vítima deve atravessar, não importando se num sentido ou noutro” (Agamben, 2007, p. 66). Essa antítese não implica na separação evidente do estatuto profanável das imagens, mas em diferentes usos e interpretações conferidos a essas imagens. Atos que disputam os sentidos que dão contornos ao caso e que constituem as fronteiras do jogo entre o icônico sagrado (do Cristo crucificado), a mais profana das imagens (da “travesti crucificada”) e o sagrado profanado (da vida) das travestis brasileiras.

### Referências

AGAMBEN, G. 2007. *Profanações*. São Paulo, Boitempo.

BOURDIEU, P. 2011a. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_. 2011b. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva.

BUTLER, J. 2011. Vida precária. *Contemporânea*, 1(1):13-33.

\_\_\_\_\_. 2015. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CARVALHO, C. A. 2015. Afetar e ser afetado pelo acontecimento: coberturas jornalísticas da Aids e impactos sociais. *Intercom/RBCC*, 38(2):253-272.

FAUSTO NETO, A. 2006. Mídia e prática social: prática de sentido. *In: Encontro Anual da COMPÓS*, 15, Bauru/SP, 2006. *Anais...1*:1-15

\_\_\_\_\_. 2008. Fragmentos de uma “analítica” da mídia e processos sociais. *Matrizes*, 2:89-105.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

\_\_\_\_\_. 2015. Recepção, 'corpo-significante' em circulação. In: L. D. BRIGNOL; V. BORELLI (Orgs), *Pesquisa em recepção: relatos da Segunda Jornada Gaúcha*. Santa Maria, FACOS-UFSM, p. 17-24.

FERREIRA, J. 2016. A construção de casos sobre a mediação e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. *Galaxia*, (33):199-213.

FORD, A. 1999. *La marca de la bestia: identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporánea*. Buenos Aires, Grupo Editorial Norma.

FRANÇA, V. 2012. O acontecimento e a mídia. *Galaxia*, (24):10-21.

HENN, R. C. 2013. O ciberacontecimento. In: D. VOGEL; E. MEDITSCH; G. SILVA (Orgs), *Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais*. Florianópolis, Insular, p. 31-48.

MATA, M. C. 1999. De la cultura masiva a la cultura mediática. *Diálogos de la Comunicación*, (56):81-91.

QUÉRÉ, L. 2005. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*, (6):59-75.

ROSA, A. P. 2017. O êxito da gula: a indestrutibilidade da imagem totem no caso Aylan Kurdi. *E-compós*, 20(2)1-22.

VERÓN, E. 1997. Esquema para el análisis de la mediación. *Diálogos de la Comunicación*, (48):10-17.

\_\_\_\_\_. 2005. *Fragments de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos.